



## **O fardo é pesado, mas Dona Clara Batalha: experiências de agricultora familiar com o plantio agroecológico de pitaya na Amazônia**

The burden is heavy, but Dona Clara Batalha: experiences of a family farmer with agroecological pitaya cultivation in the Amazon

BATALHA, Maria Clara Alves<sup>1</sup>; SÁ, Marnilda Pereira<sup>2</sup>; CORREIA, Luciana Dias<sup>3</sup>; DINIZ, Raphael Fernando<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Sítio Por do Sol, [clarah.abatalha@gmail.com](mailto:clarah.abatalha@gmail.com); <sup>2</sup> Sítio Agroecológico Santa Rita, [sa.marnilda@gmail.com](mailto:sa.marnilda@gmail.com); <sup>3</sup> Sítio Agroecológico Santa Rita, [ldias.floresta@gmail.com](mailto:ldias.floresta@gmail.com); <sup>4</sup> Universidade Federal do Amazonas – UFAM, [diniz@ufam.edu.br](mailto:diniz@ufam.edu.br)

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

#### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

#### **Apresentação e Contextualização da experiência**

Nascida em Borba, município do Amazonas, Dona Clara se mudou para Manaus, capital do estado, em busca de uma melhor qualidade de vida (como muitos amazonenses fizeram e ainda fazem), pois o local onde residia era um vilarejo rural que não oferecia um futuro promissor e nem melhores perspectivas de acesso à educação, saúde e emprego.

Na capital, dona Clara trabalhou em diversos setores, inclusive na indústria. Casou-se e teve dois filhos. Buscando se precaver contra os imprevistos da vida na cidade, sempre fez economias financeiras, dentro de suas possibilidades, e quando conseguiu contar com um valor significativo foi informada que a partir daquele montante teria que pagar imposto de renda. Foi então que decidiu procurar um sítio onde pudesse fazer um investimento para não ter mais que pagar este imposto. Em 2011 fez seu êxodo urbano, retornando para a área rural com outra perspectiva e com outra visão de negócio.

O sítio adquirido, por ela denominado Pôr do Sol, está localizado no quilômetro 6 do Ramal do Brasileirinho (ramal 7), uma área da Expansão do Distrito II – Expansão Agropecuária da Superintendência da Zona Franca de Manaus – (SUFRAMA). O terreno mede, aproximadamente, 1,65 hectare (55 metros de frente e 300 metros de fundo).

No sítio, dona Clara se tornou uma agricultura familiar, aproveitando as frutíferas já plantadas pelo antigo dono, como pupunha, cupuaçu, mangueira, tucumã, ingá, umari, açaí etc., e também aumentando seu pomar com outras que passou a cultivar, como coco, graviola, rambutã, macaxeira, cana-de-açúcar e café. Complementarmente, desenvolve a atividade pecuária com a criação de animais de pequeno porte, como peixes, porcos e aves. E em 2022, por influência de suas



vizinhas do Sítio Agroecológico Santa Rita, se iniciou na meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão).

Esta é a base de alimento para o sustento de sua família e para a geração de renda por meio da comercialização do excedente. Além da agricultura e pecuária, complementa sua renda com o turismo evangélico (construiu um espaço para receber pessoas em encontros religiosos).

Atualmente, o trabalho feito na propriedade está em transição para a agroecologia. A aproximação com os princípios agroecológicos se deu recentemente, por meio de um curso – em andamento – denominado “Territórios da agroecologia”, oferecido uma vez por mês em Manaus, e também a partir da participação na oficina de escrita popular oferecida pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) nos preparativos para a organização do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia (XII CBA).

Estas primeiras aproximações com a agroecologia foram marcantes para Dona Clara e, por esse motivo, resolveu escrever seu relato compartilhando sua experiência com manejo e produção de pitaya em seu sítio.

### **Desenvolvimento da experiência**

A experiência de Dona Clara com a pitaya começou de um jeito diferente, não intencional ou planejado. Isso porque, antes de iniciar o plantio da fruta, seu filho e ela começaram a plantar mudas de pimenta de cheiro. Porém, quando foram plantadas, os insetos começaram a cortar as pimenteiras. Não sabendo como controlá-los, Dona Clara foi buscar possíveis soluções na internet. Então, em uma página sobre manejos agrícolas, viu uma árvore de uma planta que muito lhe encantou, mas não tinha a mínima ideia sobre que planta era aquela. Achou a planta muito bonita, repleta de frutos vermelhos, o que a deixou maravilhada. Abriu a imagem e descobriu que o seu nome era “Pitaya”. Desde esse dia (meados de outubro de 2020), resolveu que ia plantar a fruta em seu sítio.

No entanto, para iniciar este projeto, a agricultora teve muitas dificuldades, pois quase ninguém por perto conhecia o cultivo. Mesmo com as dificuldades, Dona Clara foi pesquisar como e onde conseguir as mudas, descobrindo, então, que isso era ainda mais difícil. Mas como estava decidida, correu atrás e conseguiu as mudas, e, assim, buscou aprender como plantar e cuidar delas.

As primeiras mudas foram adquiridas por meio de contato com produtor pela internet, o qual fazia a revenda no quilômetro 32 da rodovia AM-010 (sentido Rio Preto da Eva), distante mais ou menos 135 km do seu sítio. Iniciou com 40 mudas, numa área de aproximadamente 1/2 quadra, utilizando 20 suportes de alvenaria em princípio. Para esse início, fez um investimento de R\$ 100,00 para as mudas, R\$ 500,00 para os suportes de alvenaria e R\$ 80,00 a diária de um trabalhador rural



para lhe auxiliar na instalação dos suportes. O restante foi feito apenas por ela. Esse foi o primeiro lote!

No mês seguinte (novembro de 2020), encomendou mais 130 suportes de alvenaria, um investimento de R\$ 3.250,00 e mais R\$ 700,00 de mudas. Nesse lote, pagou duas diárias de R\$ 80,00 para um trabalhador rural. E o restante novamente foi feito por ela. Totalizando 300 mudas iniciais, o investimento foi de R\$ 4.790,00. Atualmente, são mais de 700 pés de pitayas, todas da variedade conhecida por “Costa Rica” ou “Roxa do Pará” (FIGURA 1).



**Figura 1:** Dona Clara realizando manejos nos cultivos de pitaya no Sítio Pôr do Sol. Autora: BATALHA, M. C. A. (2023).

Para consecução de seu projeto, Dona Clara não teve nenhum apoio de programas governamentais, assistência técnica das entidades públicas nem mesmo auxílio de organizações não-governamentais ou entidades sem fins lucrativos. Ou seja, iniciou e vem desenvolvendo esta atividade somente com sua força de vontade e determinação e com o apoio da família.



Em relação aos manejos utilizados para a manutenção e o desenvolvimento dos cultivos, nenhum tipo de insumo sintético (fertilizantes ou agrotóxicos) é utilizado por Dona Clara. Desse modo, sua produção tem sido realizada se apoiando nos insumos e conhecimentos da agroecologia. As técnicas utilizadas foram aprendidas por meio do acesso à internet, onde conseguiu apoio de especialistas que possuem mais experiência no cultivo da pitaya, principalmente de pessoas como Alberto Sawada e prof. Pitaya (Djalma).

Por exemplo, quando já estava com as primeiras mudas plantadas, começaram a aparecer os insetos que cortavam os brotos novos. Novamente, Dona Clara foi pesquisar na internet sobre qual tipo de inseto estava cortando esses brotos. Descobriu, então, que era uma “lagarta preta” que saía da terra, mas somente pela noite. Como não queria usar nenhum tipo de agrotóxico, resolveu o problema caçando as “lagartas” pela noite. Posteriormente, descobriu que não se tratavam de “lagartas” e sim de lesmas. Toda noite, então, seu ofício era sair à caça das lesmas, sem nunca usar veneno para esse fim. Além das lesmas, as formigas também lhe causavam preocupação. Para seu controle, utilizou o tabaco (fumo de rolo). Porém, como já não causam mais problemas, suspendeu o uso deste insumo. O controle de outros insetos que atacam a planta é feito com uma solução produzida com sabão líquido, vinagre e óleo de cozinha (óleo novo, a fim de fixar a solução na planta.).

Já para a fertilização do solo, Dona Clara utiliza cobertura morta, esterco de gado e de frangos. Para a adubação foliar, pulveriza calda bordalesa nas plantas (feita com sulfato de cobre e cal virgem). Ressalta-se que não foi feita análise de solo no terreno, mas a agricultora utilizou o calcário para corrigir a sua acidez.

No terreno, a fim de aproveitar os espaços entre os pés de pitaya e manter o solo sempre com cobertura verde, Dona Clara cultiva em consórcio abóboras e maxixe, que são utilizadas apenas para consumo familiar.

Mais recentemente, os netos de oito e onze anos passaram a ajudá-la na adubação das plantas e do solo, realizando-a no período do contraturno escolar, nos fins de semana e também nas férias escolares. Esta atividade em nada traz prejuízos ao desenvolvimento das crianças, uma vez que é realizada como um “lazer” por elas, em horários reduzidos e com insumos naturais que não causam mal à sua saúde.

Muitas pitayas começaram a frutificar a partir de um ano e a comercialização das frutas é feita direto ao consumidor, em feiras livres, para os sítiantes da Comunidade do Brasileirinho e outras pessoas conhecidas. Além das frutas, Dona Clara também comercializa mudas de pitaya com as pessoas que se interessam em iniciar esta atividade em seus terrenos.

Cumprе ressaltar que o preço de venda das pitayas por Dona Clara chega a ser duas a três vezes mais barato do que aquele comercializado por grandes redes de supermercados em Manaus. Enquanto em determinadas épocas do ano o quilo da fruta custa entre R\$ 20,00 e R\$ 30,00 em um hipermercado da capital, Dona Clara comercializa por R\$ 10,00 nas feiras que participa ou diretamente ao consumidor



em seu sítio. Com isso, percebe-se que a agricultora tem contribuído para que pessoas com menos recursos (a realidade de grande parte das famílias na Amazônia) também possam ter acesso a uma fruta que tem sido consumida predominantemente por famílias de classe média e alta em Manaus. Ou seja: a experiência de Dona Clara com os princípios da agroecologia não se limita às técnicas e manejos utilizados no cultivo da pitaya, mas também em relação à dimensão social do modelo de produção agroecológico, buscando democratizar o acesso a uma fruta saborosa e saudável por um preço que seja justo a ela e ao consumidor e mais barato do que aquele praticado pelas grandes redes supermercadistas.

Hoje Dona Clara é conhecida na comunidade como pioneira na plantação dessa cultura e, por isso, muito se orgulha disso!

### **Desafios**

Por ser uma cultura que demanda muitos cuidados e uma infraestrutura adequada para o plantio, o maior desafio para o cultivo da pitaya é a exigência de um alto investimento, o que acaba limitando a sua difusão entre os agricultores familiares, que muitas vezes não possuem recursos suficientes e nem apoio por parte dos órgãos públicos, especialmente em regiões mais isoladas e carentes, como é o caso de muitas áreas rurais na Amazônia.

Para superar este problema, Dona Clara teve que utilizar o que tinha guardado de suas economias – desde a época da caderneta de poupança. Investiu todos os recursos que tinha guardado na esperança de ter, futuramente, um retorno melhor com a venda das frutas e mudas de pitaya.

Além disso, o manejo dos cultivos requer muitos cuidados e atenção, a fim de não se acidentar com os espinhos que estão em toda parte da planta.

### **Principais resultados alcançados**

Além da comercialização da fruta diretamente com os consumidores, hoje Dona Clara consegue também vender mudas (não em grande quantidade), mas os recursos obtidos já são suficientes para pagar uma parte das despesas que tem com a cultura no Sítio Pôr do Sol.

Destaca-se, também, que a pitaya tem apresentado um comportamento diferenciado, no sentido de oferecer mais frutos em períodos quentes (verão) no Brasil. No entanto, a experiência de Dona Clara difere desse caso, uma vez que a pitaya tem dado fruto o ano todo, com o pico maior ocorrendo durante verão amazônico – estação mais quente e com menos chuvas que o “inverno amazônico”.



Para o futuro, Dona Clara planeja investir na compra de um triturador para produzir adubo com as próprias podas da Pitaya, de modo a devolver às plantas o que delas é cortado, fechando, assim, o ciclo.

### **Disseminação da experiência**

Atualmente, Dona Clara compartilha os conhecimentos sobre o manejo da pitaya com as famílias da Comunidade do Brasileirinho, ensinando-as sobre como fazer para não errar, uma vez que quando iniciou as atividades com essa cultura, cometeu muitos equívocos por falta de conhecimento.

Além disso, Dona Clara ainda pretende compartilhar desse conhecimento com outros os agricultores de outras localidades de Manaus e região que estejam dispostos a fazer plantação dessa cultura tão promissora para quem dela se aventurar.

Com base em sua recente experiência com o cultivo das pitayas, Dona Clara recomenda a todos o cultivo da fruta, alertando que o único empecilho que percebe para isso é o alto investimento para iniciar o projeto. Por isso, a agricultora ressalta que deveria haver mais apoio governamental (tanto federal, como estadual e municipal) no sentido de ofertar mudas, subsidiar a construção da infraestrutura onde a agricultora e o agricultor possam ter condições próprias de iniciar seus projetos e ir cada vez mais longe com o cultivo não apenas dessa cultura, mas de outras que podem ser com ela consorciadas.

**O fardo foi e tem sido pesado, mas Dona Clara Batalha!**